

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffite, PARIS
Telephone : 324-25

PREÇO DA ASSIGNATURA <i>(Franco de porto)</i> Pagamento adiantado	Ano	Fr. 14 -
	Semestre	— 7,50
	Número avulso	— 0,30

ENTREVISTA

con

S. M. EL-REI D. MANUEL II

SUMMARIO: A magistratura regia no constitucionalismo: o Rei reina e governa. — El-Rei D. Manuel: de como, no exilio, S. M. é ainda o mais diligente estadista e o mais laborioso funcionário do seu paiz. — O Senhor D. Manuel e as questões sociais. Os trabalhos de S. M. antes da revolução. — O proletariado sob o actual régimen; como El-Rei aprecia a obra da Republica em relação ás classes operárias. — A questão de Fazenda. Algumas impressões do Senhor D. Manuel II acerca da situação financeira do paiz sob a Monarchia e sob a Republica. O dia d'amanhã. — Questões de fomento económico. Alguns pormenores inéditos sobre antigos projectos d'El-Rei: Um grande plano de reconstituição económica. O dr. Léon Poinsard e a sua missão em Portugal. — A restauração da Monarchia como condição da ordem. — A colónia portugueza no Brasil. — A Republica e as colónias. — A perseguição religiosa e o que d'ella pensa S. M. — Os mortos, os presos, os exilados. A mulher portugueza sob o régimen monarchico. O consórcio entre o paiz e a Monarchia, como lei histórica da nossa nacionalidade. — A obra da Republica. Ontem e hoje. Um quadro da situação nacional. — Como o Senhor D. Manuel II encara a sua função. Uma importante declaração política de S. M.: El-Rei e a questão da restauração monarchica.



À lá vae o tempo em que Thiers, relembrando a celebre allusão do polaco Zamoyski a Sigismundo III — *o Rei reina mas não governa* — pretendia fazer d'ella como que a chave do systema monarchico representativo, no sentido de privar a magistratura regia de toda a collaboração oficial intelligente e autonoma, na gerencia dos negocios publicos.

Eram os tempos ideologicos do direito constitucional no continente da Europa. Como se sahia d'un cyclo historico em que o poder do Rei tinha sido absorvente e exclusivo, e se entendia agora que esse absolutismo regio fôra a razão e a origem de todos os males sociaes, logo houve quem pensasse, *a contrario sensu*, que abolindo por completo a realeza se faria logicamente a felicidade publica. Estes espíritos simples fôram os verdadeiros antecessores do nosso actual *republicano por princípio*, o qual, como se vê, podendo não ser tão detestavel como o *republicano pelo estomago* ou o *republicano pelo figado*, nem por isso deixa d'abonar-se n'um preconceito politico dos mais ingenuos, inconsistentes e pueris.

Em face porém das decepcionantes lições da experiença republicana na Europa, imaginou-se encontrar para o problema das formas de governo uma solução eclectica, que com um pouco de boa-vontade poderia passar como inspirada no constitucionalismo inglez, e que era a que se traduzia pelo aphorismo da Thiers.

Visto que a existencia d'un poder fixo, de transmissão hereditaria, se mostrava util como correção aos excessos e incongruencias a que conduzem os regimens exclusivamente electivos, conservar-se-ia a realeza; mas visto que os abusos do poder real haviam determinado o descredito do absolutismo, reduziam-se a quasi nada as faculdades e attribuições do Rei. *Este reinaca, mas não governaca.*

Não viram os inventores de tal systema o que havia d'aberrativo n'este insubstancial artificio, pelo qual se cuidava poder crear na constituição politica um

orgão sem função; nem viram que aquillo que contém de superior e de beneficio o governo monarchico é exactamente essa *função effectiva* da magistratura regia na vida do Estado, não o mero facto da existencia d'um cargo decorativo e anodyno, cujo titular se chama Rei. Por isso mesmo, e porque na politica as realidades levam de roldão todas as abstractas e mais ou menos engenhosas combinações dos theorecos, nunca houve Monarca digno d'este nome que não tomasse parte d'uma maneira activa no governo do seu paiz — não, evidentemente, para se oppôr á vontade popular, legitimamente representada, mas ao contrario, para collaborar com ella servindo efficaz e diligentemente os interesses nacionaes, n'aquillo que é da sua jurisdicção.

Precisamente por causa do caracter vitalicio da sua magistratura, o Rei encontra-se naturalmente destinado a ser o depositario e, mais do que isso, o defensor dos principios e tradicões da politica nacional, tanto interna como externa, no que ella possa ter de fundamental, e de alheio ás divergencias dos partidos e aos seus programmas particulares; é elle quem, unico elemento estavel de governo no movediço mar da politica tal como a fazem os modernos regimens eleitoraes, se encontra em condições de promover e assegurar a continuidade da obra dos estadistas atra vez dos variados e incessantes incidentes da vida publica. Por outro lado, a hereditariedade acaba por fixar essas tradicões politicas em tradicões dynasticas — do que é exemplo frisantissimo a constante politica externa da casa de Bragança — e por dar aos Reis aptidões innatas de dirigentes e d'administradores, que seria insensato desaproveitar.

Em que pese a certos sabiosecos de meia-tigella anciñosos por o serem de tigella cheia, a observação dos factos demonstra — e ainda recentemente um illustre professor portuguez o poz em relevo — que a média da intelligencia e da competencia politica e administrativa nas pessoas das familias reaes é consideravelmente superior á media d'essas mesmas faculdades

na população europeia. Uma rapida remomeraçāo dos nomes e da biographia da maior parte dos Monarchas europeus dos ultimos tempos bastaria para tornar patente, não só o papel activo que elles teem desempenhado no governo dos seus paizes, mas ainda como essa acção do poder real se exerceu da maneira mais benefica para os respectivos povos ; — podendo-se afoitamente assegurar, por exemplo, que nem a Inglaterra, nem a Allemanha, nem a Italia, nem a Hespanha, nem a Belgica, nem, mais recentemente, a Bulgaria, desfructariam as vantagens da sua actual situação interna e externa, sem o concurso da inteligencia, da iniciativa e do tacto politico dos seus ultimos soberanos, cuja obra é conhecida e notoria.



El-Rei Tudo isto dá á personalidade do Rei
D. Manuel moderno — quando elle verdadeiramente quer ser, como o Senhor D. Manuel II, *Rei do seu tempo* — um caracter novo, muito particular, muito interessante e sempre, como é de suppôr, inteiramente diverso do que as chronicas, as tradicções e as lendas attribuem, provavelmente com uma exactidão apenas mais ou menos approximada, ao soberano absoluto d'antigas eras.

O Tyranno que a commoda e esbaforida eloquencia dos tribunos demagogicos se obstina em representar ainda, segundo as velhas fórmulas, entregue nos recessos mysteriosos do seu paço ás mais negras machinações contra o Terceiro Estado, é por via de regra, n'estes tempos de democratismo, um Principe d'habitos simples, empenhado e interessado mais do que ninguem em servir as geraes aspirações e necessidades do seu paiz, desde que a realeza deixou de representar um poder isolado, dotado de vida autonoma, carecendo de submetter os restantes para não ser subjugado por elles, e passou pelo contrario a exercer no Estado uma função correlacionada ás dos outros orgãos de governo.

Vereinos adeante em que pensava e de que tratava El-Rei D. Manuel II, no fecundo recolhimento do seu gabinete d'estudo, ao tempo em que uma turba-multa d'ineptos e d'energumenos, preparando a calamidade nacional que soffremos n'este momento, se entretinha a ludibriar o seu publico com as promessas mais absurdas e as concepções mais idiotas — tudo isto sem deixar de frisar, n'um tom grave, adutorado e por isso mesmo infinitamente comicó, a *inexperienceia*, a *infantilidade*, a *falta de preparação* do Monarca que era já então, como o leitor vae poder verificar, um homem de governo de superiores faculdades e de penetrantes intuições, e que d'este officio sabia mais a dormir do que sabem, acordados, todos os « estadiotas » da Republica.

Hoje, com aquella grave e discreta serenidade que é uma das suas forças, — muito intelligente e muito culto para suppor viavel e duradoira a Republica, excessivamente homem d'espirito para a poder tomar a serio a não ser pelos males temerosos que acareta á nação, pelos sofrimentos que inflige aos portuguezes em geral e especialmente aos mais devotados monarchicos — o Senhor D. Manuel continua calma e regularmente trabalhando na sua profissão de Rei, e em cada hora mais apto a reger notavelmente o seu paiz — como aquelle general atheniense que votado uma vez no ostracismo, cem dias e cem noites não largou o capacete e o escudo, e sobre a estranjeira praia lacedemonia, figurando na areia problemas estrategicos, esperou imperturbavel a trireme veleira, que a patria acabou por lhe mandar para o repôr á frente dos exercitos...

Esta segura confiança do Soberano no termo breve da funesta e, aliás, ja virtualmente fallida aventura republicana — que passou em Portugal com todos os accidentes e perturbações caracteristicos d'uma doença aguda e portanto ephemera — é mesmo uma das mais interessantes impressões que imediatamente recebem todos que se acercam do Senhor D. Manuel. E não é preciso que S. M. nos queira incen-

tir essa impressão d'uma forma expressa e propositada : ella resulta natural e simplesmente do tom da conversa, d'un *tour de phrase*, d'uma palavra soltada do modo mais espontaneo e desprevenido.

De cada vez que os nossos picarescos « homens d'Estado » actuaes perpetram no Terreiro do Paço mais uma tolice assinalada e cheia de consequencias, onde ella se sente primeiro não é no paiz, é em Richmond : « *Como hacemos nós de remediar isto? Como ha de a Monarchia valer a esta situação, evitar aquelle effeito, conjurar taes e taes perigos?...* » E estes provisarios e frustes governantes republicanos nem imaginam as attribulações que os seus despauperios mais sensiveis vão determinar no espirito do moço Rei, que, representante legitimo do paiz, e sabendo-se destinado a reassumir mais dia menos dia as funções da sua magistratura suprema, vê por isso mesmo apprehensivo, em cada novo erro e em cada novo dislate do anormal periodo que atravessamos, mais um problema e mais uma preocupação, a ajuntar ás muitas que hão de assoberbar amanhã a actividade dos dirigentes monarchicos.

Por isso tambem, nada mais curioso, e ao mesmo tempo mais intelligent e mais patriotico, do que o trabalho methodico e continuado a que S. M. se entrega como a um dever profissional, seja no estudo attento e pormenorizado da vida politica, economica e social d'aquelle grande povo, que é tão proprio para formar e elucidar governantes, seja no tranquillo remanso da sua residencia d'Abecorn, recolhida para dentro d'uma cerca silenciosa, e debaixo de cujo tecto o Senhor D. Manuel II leva ha deis annos aquella vida simples, patriarchal e laboriosa de fidalgo rural e letrado, que sempre tanto amaram os Príncipes da sua casa.

Eu chamaria de bom-grado um laboratorio — o *laboratorio dos contra-renenos* — a sala rectangular onde recentemente, ao ter a honra de ser recebido por El-Rei, pude avistar entre agrupamentos de livros largos cadernos de papel, cheios de documentos, de

calculos, de relatorios, d'annotationes, como *dossiers* de repartição, e que representam o resultado d'uma assidua collaboração do Senhor D. Manuel com estadias e com homens technicos nacionaes e estrangeiros, antes e depois dos successos de 1910, tendo em vista o exame de muitas questões de politica e d'administração em Portugal, desde as mais geraes e instantes até outras que se referem a assumptos d'interesse especial d'uma região, d'uma industria ou d'un determinado ramo dos serviços publicos.

Possuidor d'uma d'essas raras energias calmas e reflexivas de que os espiritos superficiaes não se apercebem e que aos olhos de muitos passam mesmo por lentidão, mas que operam prodigios, e que são sempre as mais productivas, o Senhor D. Manuel, sem os irreflectidos arrebatamentos d'un impulsivo mas tambem sem os accessos d'esteril pessimismo que lhes são correspondentes, tem desde o dia 5 d'outubro de 1910 a certeza de que ha de voltar a ser effectivamente Rei de Portugal; e desde que desembarcou em Inglaterra este joven Príncipe, que momentaneamente liberto das obrigações officiaes da realeza poderia querer desfrutar d'animo leve os encantos da sua mocidade e a proeminencia do seu *rang*, ainda não teve a bem dizer outras ocupações senão aquellas mesmas que o prendiam horas e horas no Paço das Necessidades, estudando as questões publicas do seu Paiz.

No seu exilio de Richmond, o Senhor D. Manuel II continua sendo o mais fiel, mais sobrecarregado e laborioso funcionario do paiz. Isto faz honra ao mesmo tempo ao seu patriotismo, à sua inflexivel força de vontade — e à sua clarividencia política.



O Sr. Precisamente no momento em que,
D. Manuel II por occasião d'uma recente viagem
e as questões a Londres, nos chegou ás mãos o
sociass aviso de que El-Rei D. Manuel se
dignaria receber-nos no palacete de Richmond, aca-

bavamos de ler no *hall* do hôtel, em varios d'esses volumosos compendios da vida d'un dia, que são os jornaes matutinos d'aquelle immensa metropole, a noticia de que S. M. tinha emprehendido uma serie de visitas a varios institutos d'assistencia social da capital ingleza, taes como Bruce House, Rowton House, Marylebonne Work House, etc.

Un jour journaliste, toujours journaliste — escreveu um francez dos mais illustres, que conhecia este officio e esta raça como as cabeças dos seus dedos. Pois se os confrades britannicos, embora sem esquecimento da discreção tão notavel n'aquelle povo, seguem a toda a parte o popular *King Manuel*, não lhe deixam passar despercebida uma victoria no *tennis* nem uma observação sobre um quadro, e se punham agora a acompanhal-o na sua excursão d'estudo pelas obras sociaes de Londres, não deviamos nós, plimitivo portuguez, aos leitores e a nós mesmo uma informação mais ampla sobre o caracter d'essas visitas d'El-Rei, sobre os intuintos que as moviam e que não seriam de certo os d'uma curiosidade vã e esteril?

Por isso na tarde seguinte, — logo depois dos primeiros cumprimentos ao Monarca que Lisboa já hoje, à primeira vista, não reconheceria, com o seu buço que lhe ennegrece o labio superior, transmutado de adolescente que era então n'um desinvolto mancebo em quem a majestade dos Saboynas, a distincão verdadeiramente principesca dos Orléans e a bonhomia affavel dos Braganças se alliaram n'um conjunto dos mais felizes — o nosso primeiro cuidado foi pedir a El-Rei o favor de nos confirmar aquella noticia dos diarios inglezes.

— Sim — condeseendeu gentilmente o Senhor D. Manuel — tenho-me interessado muito pelas instituições de caracter social na Inglaterra, onde, como se sabe, elles são modelares ; tanto as officiaes como as que se devem á iniciativa privada, que são ainda mais numerosas e não menos perfeitas na sua organizaçao.

Sem hesitações, com uma promptidão e uma jus-

teza assombrosas, como quem estava plenamente senhor de seu assumpto, El-Rei ia citando de memória numerosas cifras, referindo orçamentos, descrimnando-os, apreciando em meia duzia de palavras a utilidade social dos institutos a que alludia.

Aproveitámos então uma pausa de Senhor D. Mannel para accentuar bem a intenção que nos levára a solicitar d'El-Rei estas suas impressões :

— Meu Senhor — dissemos — nós os monarchicos não podemos, na pessoa de V. M. separar do Rei o homem particular...

— Nem eu — acudiu o Senhor D. Manuel.

— E ainda os actos de carácter pessoal de V. M., queremos acreditar que obedecem geralmente a designios de Monareha.

— Teem razão — atalhou S. M. — e não é senão pensando no meu paiz e nos meus deveres que eu me dedico assiduamente a estes e outros problemas. Devo confessar-lhe que os que se prendem com os assumptos economicos e sociaes me interessam d'uma maneira muito particular. Já me attrahiam vivamente antes d'este interregno republicano. Hoje porém importam-me com dobrada razão porque, não tenha dúvida, quem vai mais funda e prolongadamente sentir os effeitos d'esse desastre nacional são evidentemente as classes proletarias. Depois d'este terrível periodo de desorganização de trabalho, de paralyzação económica, d'exaurimento de todas as fontes da riqueza publica e particular, a Monarchia, que deixará o proletariado industrial e agricola ante as perspectivas de melhoria que a prosperidade lenta mas real e segura do paiz lhe fazia entrevér, vai encontrar agora essas classes lançadas na mais desoladora miseria.

É uma grave questão, que não pôde deixar de constituir uma das preocupações primaciaes dos politicos monarchicos.

— Eu sei que V. M. já em Portugal trabalhava muito esforçadamente nas questões d'essa natureza...

— Sim, mas em condições tão diferentes d'a-

quellas com que vamos defrontarnos!... Eu conseguira realmente constituir um nucleo d'estudiosos, uns politicos, outros totalmente alheios á politica, mas todos assinalados pelo seu saber, pela sua competencia technica e pela sua devotação ao bem publico — o Conde de Penha Garcia, D. Luiz de Castro, D. Antonio de Lencastre, o dr. Adolpho Coelho, João Perestrello e varios outros, a quem o paiz tem feito justiça ou a fará, quando souber com quanto desinteresse trabalhavam por elle, sem ruido e sem nenhuma especie de exhibicionismo.

Estes trabalhos abrangiam questões de fomento economico, ou então d'assistencia social.

Naturalmente, tudo estava ainda muito em principio, comquanto houvesse já elaborada, documentada e classificada uma serie de projectos, a maior parte dos quaes me ficaram nas Necessidades.

O que ia começar a tornar-se pratico immediatamente era o das casas baratas, que resolviamos pela iniciativa privada. Na altura em que se déram os acontecimentos de 1910 tinhamos concluído os trabalhos e estatutos para se poder iniciar a construção d'uma habitação operaria.

— Parece a V. M. que o confronto entre essa reacuada solicitude pelo proletariado e aquillo que se tem passado sob o actual regimen com as classes trabalhadoras possa determinar uma certa attitudo politica de parte do operariado?

— Em primeiro logar — observou El-Rei — eu não sei qual é em Portugal a politica das classes proletarias. Na Monarchia, isto é, sob um regimen de quasi sufragio universal, que mettia no eleitorado a grande massa d'essas classes, os partidos monarchicos tiveram sempre no paiz maiorias esmagadoras. Como este chamado regimen democratico ainda não consultou, na realidade, o voto popular, não sei as modificações que possam ter-se produzido d'então para cá no taboleiro eleitoral.

A verdade é que eu nunca me dei mal, como Rei, com os operarios; e posso assegurar-lhe que se certos

defeitos de preparação cívica precisam ser corrigidos em Portugal, não é na generalidade das classes proletárias que elles abundam mais.

De resto porém, a meu ver as questões d'aquella ordem carecem de ser examinadas por isso mesmo que existem, a bem da harmonia social e da prosperidade collectiva, e não com intuito d'especulação política.

As classes operárias fazem parte da nação como quaisquer outras, entram na composição do Estado e teem n'ele os seus direitos. O mesmo progresso do paiz não pode ser regular e normal, enquanto uma parte d'elle, e exactamente a mais numerosa, não tiver obviado ás suas necessidades económicas e não possuir até um minímo de commodidades. É necessário assentar em bases solidas a organização do trabalho, como a da propriedade, como a da industria, como a da familia, como a de todas as instituições e manifestações da actividade social, ou como a de todos os elementos da riqueza publica. Em resumo pois, a questão especialmente chamada social é uma questão publica como qualquer outra, cujas soluções teem que ser estudadas por motivos d'interesse collectivo como tantas mais, mesmo quando importam desgaadamente a certas e determinadas classes do Estado.



O proletariado — Se por uma accentuada modifi-
e a Republica cação na tactica do proletariado — continua El-Rei — a chamada luta das classes tende já a transformar-se em muita parte n'uma verdadeira cooperação, feita de mutuas transigencias entre o capital e o trabalho, esse acordo de legítimos interesses e deveres reciprocos teria sido, antes da Republica, excepcionalmente facil em Portugal, onde a evolução das fórmas e dos regimentos económicos se fez, desde os mais remotos séculos, d'un modo geralmente pacífico, em contraposição das perturbações que a acompanharam em outros povos.

Foi a propaganda republicana que sentindo a vacuidade da sua formula politica, aliás inadaptavel ao nosso paiz, procurou, junto das camadas populares, appoiar-se n'uma plataforma economica, constituida, de resto, sobre as mais perigosas noções, as mais absurdas esperanças, os sophismas mais pueris e os promettimentos mais insesatos, ou irrealisaveis. Mas a Republica, depois de ter mostrado ás camadas populares todas estas visões falazes, não lhes deu afinal uma unica realidade — a não ser a da mais violenta e cruel oppressão politica e a da mais dura e algida miseria, que fará provavelmente abater sobre algumas regiões de Portugal esse flagello da *fome*, até aqui desconhecido, felizmente, da nossa modesta mediania de remediatos !

Politicamente, o governo estabelecido no paiz pela artificiosa aventura de 1910 não outorgou, nem lhe era facil ontorgar, ás classes proletarias direitos e regalias que elles não possuissem dentro da Monarchia constitucional. Não havia em Portugal nenhuma legislação restrictiva de direitos politicos para determinadas classes, nenhum privilegio para outras. Vivia-se n'um regimen d'igualdade perante a lei. Actualmente, pelo contrario, as classes operarias em Portugal soffrem, como o paiz no seu conjuneto, do cerceamento geral das liberdades publicas em proveito d'uma pequena minoria, que é o que tem sido uma das caracteristicas do regimen republicano.

Sob o ponto de vista economico, tambem nada fez a Republica no sentido de melhorar, nem a organização e o regimen de trabalho, nem as condições materiaes da existencia do operariado.

(Continua)

ANNIBAL SOARES.